

ASPECTOS EDUCACIONAIS DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)



EDUCATIONAL ASPECTS OF ATTENTION DEFICIT HYPERACTIVITY DISORDER (ADHD)

ANDRÉIA FARIAS DOS SANTOS ALVES

Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho” (2005); Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2013); Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Venda Nova Imigrante – FAVENI (2017); Especialista em Ludopedagogia e Psicomotricidade pela Faculdade Venda Nova Imigrante – FAVENI (2017); Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Conectada – FACONNECT – Conchas (2020); Especialista em A Arte de Contar Histórias pela Faculdade Conectada – FACONNECT – Conchas (2020); Especialista em Educação Física Escolar e Educação Infantil pela Faculdade Conectada – FACONNECT – Conchas (2020); Professora na Escola Municipal Nair Musegante Lebrão – Educação Infantil.

RESUMO

Este trabalho busca analisar os aspectos educacionais relacionados ao TDAH e identificar estratégias eficazes que possam apoiar tanto o desempenho acadêmico quanto a adaptação escolar desses alunos. Os resultados demonstraram que, o ensino de alunos com TDAH apresenta desafios únicos que exigem abordagens pedagógicas criativas e flexíveis. Uma das estratégias mais eficazes nesse contexto é a incorporação de jogos lúdicos ao processo de ensino. Esses jogos não apenas tornam as aulas mais envolventes e dinâmicas, mas também desempenham um papel fundamental no auxílio à aprendizagem desses alunos. Os jogos lúdicos oferecem um ambiente de aprendizado mais interativo e menos rígido, o que é especialmente benéfico para crianças com TDAH, que frequentemente têm dificuldade em se concentrar em atividades tradicionais e estruturadas. Ao envolver os alunos em atividades que combinam diversão e aprendizado, os jogos lúdicos capturam a atenção e mantêm o interesse deles por mais tempo. Além disso, esses jogos ajudam a reforçar os conteúdos abordados em sala de aula de uma maneira mais acessível e prática. Ao participar de jogos que exigem raciocínio, resolução de problemas, cooperação e criatividade, os alunos com TDAH podem assimilar e aplicar conceitos de maneira mais eficaz. A interação com os colegas durante os jogos também promove habilidades sociais e emocionais, que são áreas frequentemente desafiadoras para essas crianças. Portanto, aliar os jogos lúdicos ao processo de ensino não só facilita a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos com TDAH, mas também contribui para o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais. Essa abordagem torna o aprendizado uma experiência mais significativa e prazerosa, permitindo que esses alunos superem suas dificuldades e alcancem seu pleno potencial acadêmico.

Palavras-chave: Educação; TDAH; Educação inclusiva; Aprendizagem, Atividades lúdicas.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the educational aspects related to ADHD and identify effective strategies that can support both the academic performance and school adaptation of these students. The results showed that teaching students with ADHD presents unique challenges that require creative and flexible pedagogical approaches. One of the most effective strategies in this context is the incorporation of playful games into the teaching process. These games not only make lessons more engaging and dynamic, but also play a key role in helping these students learn. Playful games offer a more interactive and less rigid learning environment, which is especially beneficial for children with ADHD, who often find it difficult to concentrate on traditional, structured activities. By involving students in activities that combine fun and learning, games capture their attention and keep them interested for longer. In addition, these games help to reinforce the content covered in class in a more accessible and practical way. By taking part in games that require reasoning, problem-solving, cooperation and creativity, students with ADHD can assimilate and apply concepts more effectively. Interaction with peers during games also promotes social and emotional skills, which are often challenging areas for these children. Therefore, combining playful games with the teaching process not only facilitates the assimilation of content by students with ADHD, but also contributes to the development of their cognitive, emotional and social abilities. This approach makes learning a more meaningful and enjoyable experience, allowing these students to overcome their difficulties and reach their full academic potential.

Keywords: Education; ADHD; Inclusive education; Learning; Playful activities.

INTRODUÇÃO

O tema proposto para o desenvolvimento desse artigo é o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), uma condição cada vez mais frequente nas instituições escolares. A hiperatividade, muitas vezes associada à falta de concentração, pode afetar crianças, adolescentes e até adultos (SILVA *et al.*, 2017).

As crianças ingressam muito cedo nas escolas, e é nesse ambiente que muitas dificuldades de aprendizagem e de relacionamento, que podem passar despercebidas pelos pais, começam a ser notadas. Os professores, por conviverem intensamente com as crianças, frequentemente percebem esses desafios, já que os alunos passam, no mínimo, um turno escolar sob sua supervisão (PEIXOTO; MENDES, 2021).

O TDAH é um transtorno que comumente afeta as crianças e é geralmente detectado em idade escolar, quando seus sintomas se tornam mais evidentes. No entanto, a maioria dos professores não está suficientemente preparada para lidar com crianças que apresentam TDAH, o que leva à percepção equivocada de que esses alunos são apenas desobedientes ou indisciplinados. Encaminhá-los para acompanhamento psicológico nem sempre resolve a questão, pois, em muitos casos, o aluno acaba sendo rotulado com o transtorno, sem que outras medidas sejam tomadas para auxiliá-lo (MATTOS, 2016).

Além disso, os alunos encaminhados frequentemente enfrentam longas filas de espera para atendimento, devido à falta de recursos no setor público para atender a todos. Quando finalmente são atendidos, muitas vezes não há diálogo entre o profissional de saúde que acompanha a criança

e o educador que trabalha com ela na escola. Isso pode levar os pais e professores a interpretarem os problemas da criança como meras questões de “desobediência” e “indisciplina” (TEIXEIRA, 2014). Diante desse cenário, levantam-se as seguintes questões: Como o TDAH afeta o desempenho acadêmico e o comportamento das crianças na escola? Quais são as melhores práticas pedagógicas para apoiar esses alunos?

Muitos são os questionamentos em torno do TDAH no contexto educacional. Por isso, este artigo tem como objetivo analisar os aspectos educacionais relacionados ao TDAH e identificar estratégias eficazes que possam apoiar tanto o desempenho acadêmico quanto a adaptação escolar desses alunos.

A falta de informação sobre o tema leva a muitas ações insensíveis por parte dos profissionais que trabalham com alunos com TDAH na escola. Mesmo em casa, as crianças com esse “transtorno” sofrem, pois os pais não sabem por que seu filho está se comportando de determinada maneira e, em vez de ajudá-los, acabam atrapalhando o progresso ao se referir à criança como preguiçosa ou com energia inquietada. A criança com TDAH apresenta reduzida autoestima e maior irritabilidade, o que pode impactar adversamente sua qualidade de vida.

A compreensão dos aspectos educacionais do TDAH é fundamental para criar um ambiente escolar que favoreça o desenvolvimento pleno de todos os alunos. Diante disso, torna-se urgente conscientizar os profissionais da educação sobre a importância de adotar um olhar diferenciado para os estudantes que apresentam esse transtorno. Essa sensibilização é essencial para garantir que as estratégias pedagógicas sejam ajustadas de forma a atender às necessidades específicas dos alunos com TDAH, promovendo assim uma inclusão efetiva e o máximo aproveitamento de seu potencial acadêmico e social.

O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

São inúmeros os termos que existem para definir o TDAH, o que torna esse tema amplo, pois nenhum autor aceita completamente uma definição, já que existem diferentes percepções sobre o assunto, dependendo das especialidades que se ocupam dele, tais como: a Neurologia, a Psicologia, a Psicopedagogia e a Educação.

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), de acordo com Barkley (2002, p. 35), “é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e com nível de atividade”. Já Rohde e Benczik (1999 *apud* NETO; MELLO, 2010, p. 112), caracterizam este transtorno como “um problema de saúde mental que tem três características básicas: a desatenção; a agitação (ou hiperatividade) e a impulsividade”. Para Koch e Rosa (s/d), o TDAH é comumente encontrado em crianças e se caracteriza por falta de concentração, distrações frequentes e excessivas. No mesmo sentido, Teixeira (2014, p. 20) assevera que:

O TDAH é caracterizado basicamente por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Os sintomas são responsáveis por muitos prejuízos na vida escolar dos jovens acometidos, além de problemas de relacionamento social e ocupacional. Além disso, o impacto negativo do transtorno para o portador pode interferir também na vida de familiares, amigos, colegas de escola e dos membros da comunidade em que vivem.

Entretanto, segundo Cauduro (2002, p. 35),

a abundância de termos que existem para referir-se a esse tema (conduta hiperativa, síndrome hipercinética, transtorno do déficit de atenção, disfunção cerebral mínima, déficit de atenção com hiperatividade, síndrome da criança hiperativa, lesão cerebral mínima, entre outros) mostra-nos como esse tema é confuso e complexo.

O TDAH é um dos transtornos menos conhecidos pelos profissionais da educação. Há ainda muita desinformação sobre esse problema. É por isso que há tantos alunos ditos hiperativos, porque não há conhecimento por parte dos educadores, que acabam confundindo agitação e falta de limites com hiperatividade.

De acordo com Smith e Strick (2012), o TDAH afeta de 3 a 5% da população escolar infantil, comprometendo seu desempenho, dificultando as relações interpessoais e provocando a baixa autoestima. Nota-se que o número de crianças que convivem com esse transtorno é consideravelmente grande, ou seja, é mais comum do que se imagina. Seus malefícios podem prejudicar muito as crianças, tanto no campo psicológico, como no físico e na aprendizagem.

Segundo Giacomini e Giacomini (2006), a partir de um ponto de vista biológico, o TDAH deriva de um funcionamento alterado no sistema neurobiológico cerebral, isso significa que substâncias químicas produzidas pelo cérebro, chamadas neurotransmissores, apresentam-se alteradas quantitativamente e/ou qualitativamente no interior dos sistemas cerebrais que são responsáveis pelas funções da atenção, da impulsividade e da atividade física e mental no comportamento humano.

Conforme destacou Cauduro (2002, p. 73),

segundo o enfoque pedagógico, a hiperatividade infantil se relaciona com deficiências perceptivas e com dificuldades para o aprendizado. Já para alguns especialistas, trata-se de uma síndrome (conjunto de sintomas característicos de uma doença determinada) que tem provavelmente uma origem biológica ligada à alteração no cérebro, causada por fatores hereditários ou como consequência de uma lesão. Para outros, constitui uma pauta de conduta persistente em situações específicas.

Apesar do TDAH ser definido por diferentes termos, existe também um grande confronto de ideias sobre o transtorno e como ele pode ser explicado dentro das áreas da saúde em que é estudado. Para a psicologia, o TDAH é entendido como uma manifestação da depressão infantil. Segundo Levy (s/d), a depressão que sempre pareceu um mal exclusivo dos adultos afeta cerca de 2% das crianças e 5% dos adolescentes do mundo. O diagnóstico de depressão é mais difícil nas crianças, pois os sintomas podem ser confundidos com birra ou falta de educação, mau humor, tristeza e agressividade. O que diferencia a depressão das tristezas do dia a dia é a intensidade, a persistência e o comprometimento das atividades normais.

Neste contexto, é comum notar que uma pessoa com TDAH vive seus relacionamentos interpessoais e afetivos de forma acidentada e instável, pois rompe relacionamentos quer seja afetivo ou social com muita facilidade, sem medir as consequências das atitudes, pois uma das características do TDAH é agir e pensar posteriormente ao ocorrido.

Na visão de Benczik (2010), as crianças com comportamentos desajustados sofrem com rótulos, estigmas, preconceitos e discriminação, de modo que essas atribuições negativas podem as acompanhar por suas vidas, causando transtornos, frustrações e rejeições e, ainda, comprometendo o futuro emocional e acadêmico destas.

O comportamento do TDAH nasce do que se chama trio de base alterada. É a partir desse trio de sintomas- formado por alterações da atenção, da impulsividade e da velocidade da atividade física e mental que irá se desenvolver todo o universo TDAH, que muitas vezes oscila entre o universo da plenitude criativa e da exaustão de um cérebro que não para nunca (SILVA, 2014, p. 20).

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade tem sido tema de discussão entre educadores, profissionais clínicos e de psicologia infantil. Isso se deve ao fato de que as queixas frequentes de pais e professores permanecem constantes: crianças são desatentas, inquietas, desorganizadas, com dificuldade de concentração e de seguir regras. Conforme ressaltado por Teixeira (2014), os conjuntos de sintomas apresentados a seguir fazem parte do questionário SNAP IV, que foi elaborado a partir dos sintomas presentes nos critérios diagnósticos para TDAH do DSM-IV, em 1994. A criança e adolescente frequentemente:

- Deixa de prestar atenção aos detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou em outras tarefas.
- Tem dificuldades para manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas.
- Parece não escutar quando lhe dirigem a palavra.
- Não segue instruções e não terminam deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais (não devido a comportamento de oposição ou incapacidade de compreender instruções).
- Tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.
- Evita, antipatiza ou reluta em envolver se em atividade que exijam esforço mental constante (como tarefas escolares ou deveres de casa).
- Perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (brinquedos, deveres escolares, lápis, livros ou outros materiais).
- É facilmente distraído por estímulos alheios à tarefa.
- Apresenta esquecimento em atividades diárias.
- Agita mãos e pés ou se remexe na cadeira.
- Abandona a cadeira em sala de aula ou em outra situação nas quais se espera que permaneça sentado.
- Corre ou escala em demasia, em situações nas quais isso é inapropriado (em adolescentes e adultos pode estar limitado a sensações subjetivas de inquietação).
- Tem dificuldade para brincar ou para se envolver silenciosamente em atividade de lazer.
- "Indo a mil" ou age como se estivesse "a todo vapor".
- Fala em demasia.
- Dá respostas precipitadas antes de as perguntas terem sido completadas.
- Tem dificuldade de aguardar sua vez.
- Interrompe ou se mete em assuntos de outros, em conversas ou brincadeiras (TEIXEIRA, 2014, p. 49-51).

Segundo Silva (2014), a mente de uma pessoa com TDAH tem dificuldades de concentração, e ao receber sinais, reage sem analisar as características do objeto gerador do estímulo. Sendo assim,

a atenção é compreendida como uma função importante para qualquer pessoa, pois consente a manutenção da vigilância no que acontece ao seu redor. Há vários fatos que interferem na concentração das crianças que podem ser a afetividade, a má condição de sono, sua linguagem, desnutrições, entre outros. Esse comportamento pode acabar prejudicando os alunos tanto no cotidiano escolar, ocasionando dificuldade de aprendizagem, quanto no meio social e afetivo.

Este transtorno é caracterizado principalmente por sintomas de desatenção, dificuldade em manter o foco em uma tarefa, a menos que seja extremamente excitante ou estimulante, dificuldades para completar tarefas e sintomas de hiperatividade e inquietação, como inquietação, bater os pés ou as mãos. No entanto, crianças com TDAH tendem a se envolver em atividades que são agradáveis e motivadoras para elas primeiro.

É importante proporcionar a estas crianças, atividades que não sejam monótonas, mas animadoras e estimulantes. É importante que elas sejam estimuladas a realizar atividades que lhes desagradem, mas elas devem ser oferecidas gradativamente. Crianças com diagnóstico de TDAH são sempre muito agitadas e estão em constante movimentação, de modo que correm sem direção, estão sempre subindo em cadeiras, árvores, destruindo brinquedos devido à hiperatividade mental move-se de forma desastrosa. No entendimento de Silva (2014, p. 24),

Crianças costumam dizer o que lhes vem à cabeça, envolver-se em brincadeiras perigosas, brincar de brigar com reações exageradas, e tudo isso pode render-lhes rótulos desagradáveis como “mal-educada”, “má”, “grosseira”, “agressiva”, “estraga-prazeres”, “egoísta”, “irresponsável”, “autodestrutiva” etc.

Por serem muito impulsivos, tomam atitudes sem pensar, falam e depois pensam. O que torna o convívio social dentro e fora da sala de aula sempre muito desastroso. Segundo Antunes (2003, p. 21):

A criança com TDAH [...] portadoras de características que geralmente se associa, tais como excesso de atividade, desatenção, extrema agitação, impulsividade, descontrole emocional e incapacidade de manifestar paciência ou tolerância quando quer alguma coisa, sente se afetada e excluída em sua interação com o adulto e com os amigos e consigo mesma.

Benczik (2010) explica que indivíduos hiperativos podem apresentar inquietação, dificuldade para brincar ou permanecer em silêncio durante atividades de lazer e falar excessivamente. Autores como Goldstein e Goldstein (2001, p. 23), mencionam que a hiperatividade se manifesta a partir de quatro características de comportamento:

- Desatenção e distração: A criança possui dificuldades para realizar tarefas e prestar atenção necessária nas explicações. Percebem que se for atividades desinteressantes, a criança desligara e manterá a atenção em qualquer outra coisa que lhe mais envolve.
- Superexcitação e atividade excessiva: São ações que estão ligadas ao emocional, sendo muito excessivas e intensas, onde tem dificuldades para controlar o seu corpo em situações que necessitem ficar em silêncio ou sentadas.
- Impulsividade: São dificuldades que a criança tem de pensar antes de agir. Como comentou o autor e pesquisador Dr. Russel Barkley que elas possuem muitas dificuldades para compreender regras.

- Dificuldade com frustrações: São dificuldades para trabalhar contextos extensos em curto prazo. Situações diferenciadas de sua potencialidade mental e física provocam na pessoa com TDAH comportamento inadequado que pode irritar os responsáveis quando desconhecem as características deste transtorno.

Na criança que possui tal transtorno tudo para ela é exagerado. Porém, Goldstein e Goldstein (2001), creem que estes sintomas podem não ser hereditários, podendo ser uma consequência de algum desequilíbrio do químico do cérebro. No entanto, uma criança que apresenta estes sintomas se torna um desafio para os pais e professores e quando o transtorno não é percebido e tratado de forma adequada pode comprometer a saúde física e emocional desta criança, visto que o nível de ansiedade apresentado por ela diante da demanda escolar e de relacionamento interpessoal desenvolvido de forma precária, acarreta frustrações que a acompanhará por toda a vida.

As dificuldades apresentadas por uma criança com TDAH começam muito cedo, pois ao ser agitada, irritada e ter muita dificuldade em dormir bem, é vista como uma criança rebelde, mal-educada, que não obedece a regras e está sempre ausente e distraída. Portanto, é comum notar que uma criança com TDAH se isola com facilidade e se sente desajustada e não pertencente ao grupo social que está inserida. Por apresentar comportamento distraído e descontrole emocional, nem sempre é aceito pelo grupo, o que pode causar o rebaixamento da autoestima e ocasionar a depressão infantil e transtornos emocionais associados. Neste sentido, Mattos (2016, p. 35) pontua que:

Entre os problemas mais comuns estão à depressão e ansiedade. Crianças deprimidas tendem a ficar mais irritadas, com quedas acentuadas do rendimento escolar. Elas também não têm apetite normal e manifestam menos interesse por brincadeiras ou jogos. Muitas crianças apresentam sintomas físicos (“somatização”), como dores de cabeça ou de barriga, principalmente antes de provas ou testes escolares.

As cobranças tanto dos pais como dos professores, quando são feitas sem o conhecimento das dificuldades apresentadas por esses indivíduos com o transtorno, não traz nenhum benefício. Ao contrário, só vem reforçar a visão negativa e pessimista que esse faz de si mesmo. Deste modo, diversos problemas interferem na aprendizagem do aluno com TDAH, visto que seu rendimento escolar pode ser afetado devido à depressão e ansiedade manifestadas ou a falta de interesse e desânimo perante o aprendizado e até mesmo em relação a brincadeiras e jogos. Para Teixeira (2014, p. 34):

A depressão é um transtorno comportamental que também acomete crianças e adolescentes. Os principais sintomas são a tristeza, falta de motivação, solidão e humor deprimido, contudo, é comumente observado um humor irritável ou instável [...] apresenta dificuldade em divertir-se queixando de estar entediada e “sem nada para fazer” e pode rejeitar o envolvimento com outras crianças preferindo atividades solidárias.

É comum notar que uma criança com TDAH, não se socializar com facilidade, muitas delas ao se sentirem excluídas pelas crianças da mesma faixa etária, procuram a companhia de crianças mais velhas. Porém, como não partilham dos mesmos interesses, logo sentem-se sozinhas e com forte

sentimento de desprezo e desamparo, o que pode reforçar a pré-disposição ao isolamento e tristeza. Reconhece-se que é essencial que as crianças interajam com as demais, não se isolem das outras, pois isto piora o seu desenvolvimento e aprendizagem, dificultando para o profissional de educação realizar suas atividades.

Quem examina uma criança com TDAH frequentemente reconhece a existência do mesmo transtorno, ou pelo menos alguns dos sintomas dele, no pai ou na mãe. Comumente, quando elas são entrevistadas, na presença dos pais, já identificamos alguns sinais neles próprios em geral inquietude na cadeira, movimentação nas mãos e pés, impulsividade para responder as perguntas antes de ouvi-las por completo, pegar coisas com as mãos e mexê-las o tempo todo, etc. (MATTOS, 2016, p. 46).

É comum notar que em famílias que possuem crianças com TDAH, em geral, apresentam um histórico familiar de manifestação dos sintomas do transtorno por parentes próximos. Neste contexto, Mattos (2016) relata que ao examinar a criança com TDAH, nota-se que alguns sintomas são observados nos pais, pois estes fatores são transmitidos na genética, mas nem todas as crianças recebem de seus pais estes fatores. Assim, o diagnóstico do TDAH deveria ser feito na criança em faixa etária escolar, pois, nesse período, os sintomas da hiperatividade e da desatenção impedem que a criança desenvolva um aprendizado favorável, gerando assim problemas secundários que antes não eram percebidos ou valorizados.

COMO PROPORCIONAR UMA EDUCAÇÃO EFETIVA AOS ALUNOS COM TDAH

O que preocupa os pais e professores de alunos com TDAH é como garantir uma educação eficaz sem habilidades para a vida acadêmica futura, já que o processo de avaliação escolar padroniza todos os alunos. Para esses alunos em particular, cujo ritmo de processamento das informações pode variar muito, é necessário utilizar metodologias diferenciadas junto com os recursos didáticos adequados para manter sua atenção durante as atividades educacionais. No entanto, de acordo com Benczik (2010, p. 53):

Outro ponto importante a ser considerado é que o sistema de ensino atual e algumas pedagogias existentes tentam “padronizar” os alunos esperando que todos correspondam da mesma maneira, e aquele que é “diferente”, ou apresenta outro ritmo de aprendizagem é considerado “aluno-problema” ou com “dificuldade de aprendizagem”.

Dentro desse contexto, é crucial que o professor esteja plenamente consciente das dificuldades enfrentadas pelos alunos com TDAH ao ministrar disciplinas para garantir que sua metodologia de ensino ou avaliação seja eficiente em atender às necessidades tanto do aluno quanto dele próprio. Benczik (2010) ressalta a importância da compreensão adequada dos sintomas e características dessa condição como um passo fundamental na promoção bem-sucedida do desenvolvimento educacional dessas crianças. Portanto, à medida que os professores se capacitam mais sobre esse

transtorno, maior será o seu potencial em engajar seus alunos com TDAH no processo de aprendizagem por meio do estímulo ao conhecimento, criatividade e bom rendimento escolar.

De acordo com Benício e Menezes (2017), é comum notar que, a criança que tem TDAH, por ser muito agitada, não consegue se concentrar e conversa muito durante a aula, atrapalhando a concentração dos demais, o que gera conflitos na relação professor-aluno e muitas punições. Neste contexto, faz-se necessário que o professor não conheça apenas a sigla do TDAH, mas que tenha leitura, estudo a respeito desse transtorno, para que possa adotar estratégias de ensino que minimize os conflitos e as dificuldades no contexto escolar.

É importante que o aluno com TDAH, receba o máximo possível de atendimento individualizado. Ele deve ser colocado na primeira fileira da sala de aula, próximo ao professor e longe da janela, longe do pátio, ou seja, em local onde ele tenha a menor possibilidade de distrair se (BENCZIK, 2010, p.86).

Muitas vezes, é comum que as escolas recebam alunos com TDAH sem um diagnóstico prévio e os pais nem sempre informem sobre a necessidade de atendimentos especiais. É importante lembrar que as instituições educacionais devem estar preparadas para receber todos os alunos em processo de inclusão, incluindo aqueles com TDAH. Esses alunos também têm o direito de participar plenamente do ambiente escolar, mesmo enfrentando maiores desafios por já estarem imersos nesse contexto educacional complexo.

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria das nossas escolas (especialmente as de nível Básico) ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte, do modo como o ensino é ministrado, e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (MANTOAN, 2015, p. 57).

A autora destaca a importância de que a inclusão aconteça de maneira efetiva nas escolas, ressaltando que, para isso, é fundamental reestruturar o ambiente escolar de modo a atender às necessidades específicas dos alunos. Ela enfatiza que não basta apenas incluir os estudantes nas salas de aula; é necessário também ajustar as condições do ambiente escolar para superar as dificuldades que esses alunos possam enfrentar. Além disso, a forma como o ensino é ministrado deve ser cuidadosamente adaptada para garantir que todos os alunos, independentemente de suas necessidades, tenham a oportunidade de aprender de maneira eficaz e significativa. A inclusão, portanto, deve ser um processo ativo e contínuo, que envolve não apenas a presença dos alunos, mas também a criação de um ambiente de aprendizagem que os apoie e valorize suas potencialidades.

A Constituição Federal de 1988 destacou, no artigo 208, que é obrigação do Estado oferecer um atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência (necessidades especiais) na rede regular de ensino. A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação veio para preparar e transformar as escolas consideradas comuns e as escolas especiais, abrindo oportunidade para que todos possam frequentar a rede regular de ensino além disso ter acesso ao suporte pedagógico

adequado às necessidades dos estudantes em sala como também disponibilizar recursos metodológicos propícios. Incluindo-se o ensino das aulas que requerem cuidados específicos sob uma perspectiva inclusiva, compreende-se que:

a sociedade e a escola, mais os professores na sala de aula, devem estar preparados e capacitados para poder tratar e conviver com a diferença. Isso equivale a dizer que a instituição deve ser provida de recursos humanos e materiais que possam permitir uma solução adequada para indisciplina, para desatenção e para cada caso do âmbito em que se desenvolve o processo educacional. O aluno que apresenta um problema qualquer merece sentir-se acolhido valorizado, incluído, e não simplesmente tolerado, no seu grupo (FELTRIN, 2010, p.15).

No entendimento do autor, tanto a sociedade quanto a escola, por meio dos professores, desempenham um papel crucial para que haja aprendizagem. É fundamental que os profissionais da educação estejam capacitados e preparados para se adaptarem às novas situações e mudanças, tendo em mente que cada aluno é único e apresenta características singulares.

Feltrin (2010, p. 30) complementa ainda que:

Na escola começam a se destacar os mais e os menos favorecidos. Na escola começam a despontar as pequenas e as grandes diferenças que, se não foram convenientemente diagnosticadas e tratadas, transformam-se nas pequenas e grandes desigualdades, os primeiros obstáculos a uma convivência social sadia. Na escola notam-se as diferenças e deveriam conviver com elas. Assim como na sociedade, na escola também se prefere conviver e tratar com os iguais. Na escola, a busca da compreensão por meio do diálogo é uma forma de se entender as diferenças de cada um, diminuí-las, respeitá-las e conviver com elas.

Compreende-se que é no ambiente escolar que começam a se revelar as habilidades dos alunos, sendo, assim, um lugar diferenciador e propiciador do potencial do ser humano. As dificuldades individuais devem, também, ser consideradas, a fim de que seja possível propor um método e conduta específica voltada ao ensino do aluno, para a superação de tal problemática. Neste contexto, Mattos (2016, p. 110), afirma que:

O professor tem que ser capaz de modificar as estratégias de ensino, de modo a adequá-las ao estilo de aprendizagem e as necessidades da criança. Se ela aprende matemática melhor em jogos, então o professor ideal é aquele que consegue produzir uma variedade de jogos matemáticos interessantes.

A maneira como um professor olha para um aluno com TDAH deve ser diferenciada, levando em consideração as dificuldades da criança sem subestimar sua inteligência. Além disso, buscar alternativas junto à equipe pedagógica que possam estimular e aproveitar os interesses e habilidades do aluno é crucial, pois crianças com TDAH são altamente criativas e têm bom desempenho em atividades que gostam.

ATIVIDADES LÚDICAS COMO AUXÍLIO A APRENDIZAGEM AO PORTADOR DE TDAH

No seu dia a dia o portador de TDAH apresenta diversas dificuldades em casa, na escola e na comunidade onde vive. Entre o psicopedagogo e a criança é preciso existir uma confiança e partindo do pressuposto que toda criança gosta de brincar se torna imprescindível o uso de jogos que ajudem a desenvolver as áreas que estejam defasadas no TDAH como a concentração e a atenção.

Moura e Silva (2019) afirmam que as atividades lúdicas desempenham um papel crucial no desenvolvimento de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), pois ajudam a canalizar sua energia, melhorar a concentração e facilitar a aprendizagem de maneira divertida e envolvente. Essas atividades permitem que as crianças explorem suas habilidades de maneira mais livre e criativa, o que pode ser especialmente benéfico para aquelas que têm dificuldade em focar ou seguir métodos tradicionais de ensino.

Cardoso *et al.* (2018) destacaram que as atividades podem incluir jogos, brincadeiras, música, arte e outras formas de expressão criativa que estimulam o interesse da criança e promovem a interação social. Por exemplo, jogos de tabuleiro ou atividades que envolvem movimento, como dança ou esportes, podem ajudar a melhorar o foco e a disciplina, enquanto atividades artísticas podem permitir que as crianças expressem suas emoções e desenvolvam habilidades motoras finas. Além disso, essas atividades podem ser adaptadas para atender às necessidades individuais de cada criança com TDAH, oferecendo um ambiente de aprendizado mais flexível e menos restritivo. Isso ajuda a reduzir a frustração e a aumentar a motivação, pois a criança se sente mais envolvida e menos pressionada a se conformar com expectativas rígidas.

No entendimento de Kishimoto (2016, p. 14),

Se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, no quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente buscam-se resultados em relação à aprendizagem de conceitos e noções ou mesmo ao desenvolvimento de algumas habilidades. Nesse caso o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica deixa de ser brinquedo para tornar-se material pedagógico.

O jogo pode ser uma boa ferramenta para ajudar crianças portadoras de TDAH, nesse caso é possível através dos jogos trabalharem a coordenação motora, noções de espaço, raciocínio lógico dentre outros aspectos, pois os jogos são muito atrativos para todas as crianças e é muito importante para seu desenvolvimento o ato de brincar. Brincar é uma atividade que desenvolve todos os processos da criança, principalmente o social que é muito comprometido nas crianças portadoras de TDAH.

A maior parte dos jogos de faz-de-conta, também tem qualidade social no sentido simbólico. Envolve transações interpessoais, eventos e aventuras que englobam outras características e situações no espaço e no tempo. O jogo imaginário acontece com pares ou grupos de crianças que introduzem objetos inanimados, pessoas e animais que não estão presentes no momento (KISHIMOTO, 2017, p. 60).

As atividades lúdicas são uma ferramenta poderosa no manejo do TDAH, oferecendo uma abordagem eficaz e prazerosa para apoiar o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das

crianças que apresentam esse transtorno. Essas atividades permitem que o aprendizado ocorra de maneira mais acessível e envolvente, adaptando-se às necessidades específicas dos alunos com TDAH e, ao mesmo tempo, mantendo seu interesse e motivação.

Ao integrar elementos lúdicos no processo educativo, os professores podem ajudar as crianças a desenvolverem habilidades essenciais, como foco, autocontrole e cooperação, de forma natural e divertida. Além disso, as atividades lúdicas facilitam a expressão emocional e o desenvolvimento de relacionamentos sociais, áreas que muitas vezes são desafiadoras para crianças com TDAH.

Essas práticas não apenas enriquecem o aprendizado, mas também contribuem para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Ao incorporar atividades lúdicas, a escola reconhece e valoriza as diferentes formas de aprender e interagir, permitindo que todas as crianças, independentemente de suas dificuldades, participem plenamente da vida escolar. Em suma, as atividades lúdicas são essenciais para criar um espaço de aprendizagem onde crianças com TDAH possam prosperar e alcançar seu pleno potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, constatou-se que trabalhar com crianças que apresentam o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um desafio significativo. Verificou-se que as escolas nem sempre estão adequadamente preparadas para receber esses alunos, e as metodologias de ensino utilizadas frequentemente não atendem às suas necessidades específicas. Essas crianças tendem a se dispersar com facilidade, são agitadas e têm dificuldade em manter a atenção por períodos prolongados.

Diante das dificuldades enfrentadas por esses alunos, o processo de aprendizagem das crianças diagnosticadas com TDAH pode ser significativamente facilitado quando o professor adota uma abordagem diversificada e envolvente em sala de aula. Ao promover atividades variadas e aulas interessantes, o educador consegue romper com a rotina tradicional e explorar diferentes potencialidades das crianças, tornando o aprendizado mais atraente e eficaz.

As atividades lúdicas, em particular, desempenham um papel crucial nesse contexto. Elas permitem que a criança encontre um equilíbrio entre o real e o imaginário, utilizando a brincadeira como uma ponte entre o conhecimento e a experiência. Como a brincadeira é uma atividade central no dia a dia das crianças, aprender através dela está diretamente associado ao prazer e à motivação. Quando as crianças se divertem durante o aprendizado, elas assimilam, compreendem e retêm as informações com maior facilidade.

Dessa forma, as atividades lúdicas não apenas tornam o processo educativo mais agradável, mas também ajudam as crianças com TDAH a superar as dificuldades típicas do transtorno, como a falta de atenção e a hiperatividade. Ao integrar essas práticas ao currículo, o professor cria um

ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz, onde todas as crianças têm a oportunidade de se desenvolver plenamente.

É importante entender que nem todas as crianças que exibem comportamentos que não se enquadram nas normas sociais são necessariamente hiperativas. Elas precisam ser observadas e, se necessário, encaminhadas para um diagnóstico e tratamento apropriados. Essas medidas ajudam a evitar, em parte, a rotulação e a discriminação, reconhecendo que, apesar de seus déficits, essas crianças são inteligentes e possuem muitas outras habilidades.

Conclui-se que é essencial que essas crianças recebam cuidados adequados para que possam desenvolver seu potencial ao máximo, garantindo um aprendizado satisfatório em todas as áreas. Espera-se que este trabalho possa contribuir para o meio acadêmico e para os profissionais da educação, destacando a importância de identificar e encaminhar corretamente os alunos com TDAH, proporcionando-lhes as condições necessárias para seu desenvolvimento intelectual, social e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Miopia da atenção**: problemas de atenção e hiperatividade em sala de aula. 2.ed. São Paulo: Salesiana, 2003.
- BARBLEY, Russel A. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH)**: guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Penso, 2002.
- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Atualização diagnóstica e terapeuta: um guia de orientação para profissionais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- BENÍCIO, Cineide Maria; MENEZES, Aurelania Maria de Carvalho. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH: Desafios e possibilidades no espaço escolar. **Revista de Psicologia**, v. 11, n. 38, p. 375-387, 2017.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília-DF, 31 de dezembro de 1996.
- CARDOSO, Luana *et al.* O lúdico e a aprendizagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. **Revista Científica FAGOC Multidisciplinar**, v. 3, n. 2, p. 33-41, 2018.
- CAUDURO, Maria Teresa. **Motor -- motricidade -- psicomotricidade**: como entender? Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002.
- FELTRIN, Antônio Efro. **Inclusão Social na escola**: quando a pedagogia se encontra com a diferença. São Paulo: Paulinas, 2010.
- GIACOMINI, Márcia Cristina Carriel; GIACOMINI, Odair. Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade e educação física. **Efdeportes.com** - Revista Digital – Buenos Aires, ano 11, n.99, ago./2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd99/tdah.htm>. Acesso em: 24 ago. 2024.

GOLDSTEIN, San; GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade**: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 13.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2017.

KOCH, Alice Sibille; ROSA, Dayane Diomário da. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/artigo.php?420>. Acesso em: 25 ago. 2024.

LEVY, Daniela. **Depressão infantil**. Disponível em: <http://www.clubedobebe.com.br/Palavra%20dos%20Especialistas/psi-daniela-0703.htm>. Acesso em: 30 ago. 2024.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**. O que é? Por quê? Como Fazer? São Paulo: Summus, 2015.

MATTOS, Paulo. **No mundo da lua**. Perguntas e respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 16.ed. ampl. e rev. São Paulo: ABDA, 2016.

MOURA, Luciana Teles; SILVA, Katiane Pedrosa Mirandola. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. e216, 7 abr. 2019.

NETO, Rafael Bruno; MELLO, Silvana Regina. **Aspectos neurológicos dos processos de aprendizagem**. ESAP – Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação e Faculdade Integradas do Vale do Ivaí, 2010.

PEIXOTO, Janine Cecília Gonçalves; MENDES, Olenir Maria. Avaliação escolar e as crianças com deficiências: de políticas excludentes a aproximações inclusivas. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 1, p. 06-18, jan./abr. 2021.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. **Dificuldades de Aprendizagem de A a Z**: Guia Completo para Educadores e Pais. Porto Alegre: Penso, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas**: Mentes Inquietas: TDAH - desatenção, hiperatividade e impulsividade. 4.ed. São Paulo: Globo, 2014.

SILVA, Elizabeth de Fátima Galvão *et al.* Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: um estudo com professoras do Ensino Fundamental I sobre seus alunos. **Educação, Gestão e Sociedade**: Revista da Faculdade Eça de Queirós, ano 7, n. 27, ago./2017.

TEIXEIRA, Gustavo. **Desatentos e hiperativos**: manual para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: Best Seller, 2014.